

REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA) NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CHAPADINHA-MA.

Camila Oliveira Neves ¹

RESUMO

A pesquisa apresentou como objetivo geral averiguar os desafios que os alunos autistas enfrentam na Educação Infantil no ensino regular no município de Chapadinha - MA, bem como refletir sobre algumas percepções de professoras das escolas selecionadas como objeto de estudo. Buscou-se, quanto a objetivos específicos, investigar os desafios que o aluno autista encontra na sala de aula com os demais alunos “ditos normais”, a falta de recursos e estruturas para atender esses alunos, os desafios e possibilidades que os docentes encontram no trabalho pedagógico e qual metodologia adotam em suas práticas. Como aporte teórico foram utilizados principais autores que discutem a temática como Beyer (2006), Correia (2008), Ibraim (2013), Kelman (2010), Orrú (2012), Rodrigues (2013), Silva (2012), Schmidt (2013), Lopez (2011), Kanner (1943), entre outros. No tocante a metodologia tem como base a pesquisa bibliográfica e de campo, sendo descritiva, quanto aos objetivos, e com abordagem alicerçada na pesquisa qualitativa quanto análise dos dados. Para a coleta de dados utilizou-se questionário com perguntas abertas e de múltipla escolha através de formulário eletrônico Google Forms a 22 professoras atuantes da Educação Infantil em cinco escolas da rede municipal. Constatou-se que há muitas dificuldades dos docentes quanto ao trabalho pedagógico no tocante a planejamento e desenvolvimento de práticas pedagógicas com alunos autistas, bem como que o ambiente escolar e a família devem ter um vínculo a fim de acolher de maneira eficaz a criança com TEA, oportunizando o crescimento intelectual, motor e psicológico. Perante os resultados da pesquisa, torna-se necessário que os professores assumam nova perspectiva educacional no tocante a inclusão.

Palavras-chave: Autismo. Educação Inclusiva. Educação Infantil. Desafios no ensino regular. Interação Social.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), na atualidade, vem sendo cada vez mais foco de pesquisas por vários autores e especialistas por se tratar de um distúrbio do desenvolvimento da criança que a acompanha durante toda a sua vida. Seus sintomas estão relacionados a comportamentos estereotipados, dificuldade de comunicação e interação social que podem ser percebidos a partir da infância. É necessário discutir essa temática e compreender a importância de como ocorre à inclusão deste público nas escolas de ensino regular. É no ambiente escolar que o educando precisa ser estimulado e preparado para viver em sociedade.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí -UFPI/ Professora do curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP/ Professora substituta Universidade Federal do Maranhão -UFMA, camilapeixes@hotmail.com

Assim, a pesquisa apresentou como objetivo geral averiguar os desafios que os alunos autistas enfrentam na Educação Infantil no ensino regular no município de Chapadinha - MA, bem como refletir sobre algumas percepções de professoras das escolas selecionadas como objeto de estudo. Sendo assim, a escolha desse tema se deu pelo interesse e a necessidade de adquirir novos conhecimentos e informações sobre o autismo e suas especificidades, bem como compreender quais as metodologias mais adequadas para o trabalho pedagógico e dentre outras questões de grande importância para o docente quando se tem um aluno com autismo.

Como aporte teórico foram utilizados principais autores que discutem a temática como Beyer (2006), Correia (2008), Ibraim (2013), Kelman (2010), Orrú (2012), Rodrigues (2013), Silva (2012), Schmidt (2013), Lopez (2011), Kanner (1943), entre outros. Ao que tange a metodologia este estudo tem como base a pesquisa bibliográfica e de campo, sendo descritiva, quanto aos objetivos e com abordagem alicerçada na pesquisa qualitativa quanto a análise dos dados. O método utilizado para a coleta de dados foi a utilização de um questionário com perguntas abertas e fechadas a 22 professoras da Educação Infantil em cinco escolas da Rede Municipal de Ensino de Chapadinha – MA.

Portanto, a pesquisa buscou contribuir com reflexões acerca da atuação dos profissionais no desenvolvimento de atividades pedagógicas com alunos autistas. Sendo este um tema pouco discutido na área educacional da região. Acredita-se que a divulgação de informações sobre esse transtorno auxilia nas ações da escola e demais agentes na rotina destas crianças que muitas vezes podem ser omissas por falta de conhecimento e compreensão sobre tal transtorno.

METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como base a pesquisa bibliográfica e de campo, sendo descritiva, quanto aos objetivos e com abordagem alicerçada na pesquisa qualitativa quanto a análise dos dados. O método utilizado para a coleta de dados foi a utilização de um questionário com perguntas abertas e fechadas a professoras da Educação Infantil em cinco escolas da Rede Municipal de Ensino de Chapadinha - MA.

Para Silva & Menezes (2000, p.21), “a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento”.



A pesquisa de campo tem como objetivo coletar dados por meio das observações dos fatos, e das percepções dos fenômenos da realidade. Fonseca (2002) enfatiza que a pesquisa de campo se caracteriza pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante etc.).

Segundo Silva & Menezes (2000, p. 20), “a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números...”.

A coleta de dados foi realizada em 05 cinco escola da rede municipal de Ensino da cidade de Chapadinha – MA. A análise de dados foi averiguada através de questionário com perguntas abertas e de múltipla escolha. Os sujeitos do estudo são professoras do turno matutino e vespertino. A escolha das professoras se deu pela atuação na educação infantil e suas experiências com crianças autistas. As participantes entrevistadas são do sexo feminino com faixa etária entre 30 e 50 anos. Para garantir a identidade dos respondentes, os nomes verdadeiros deles não serão revelados fazendo menção como professor conforme ordem numérica.

Segundo Marconi e Lakatos (2011, p.86) “o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma serie ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.” As perguntas tendem a ser objetivas, com uma linguagem clara e com nomenclatura apropriada.

Após a coleta de dados dos participantes os resultados foram tabulados, analisados, descritos e confrontados com a teoria para que fosse realizada a discussão e obtidas às devidas considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) refere-se a um grupo de transtornos caracterizados por um conjunto de prejuízos qualitativos, como, a interação social, comunicação e a comportamentos, na qual tende a variar de menor a maior gravidade em crianças com comportamentos restritivos, repetitivos e estereotipados, em quem se manifesta antes dos três anos de idade.

Kanner (1943) definiu o autismo como distúrbio infantil caracterizado por uma inabilidade inata de se relacionar afetivamente com outras pessoas apresentando uma minuciosa descrição desse transtorno. A possessividade de se isolar explicava uma série de

comportamentos do autista. De acordo com sua obra, os pais das crianças analisadas afirmavam que os filhos ficavam satisfeitos quando deixados sozinhos do que acompanhados, não interagiam, não desenvolviam uma consciência social e agiam como se estivessem hipnotizados. Eles ignoravam contato físico direto, movimento ou barulho que ameaçasse interromper seu isolamento.

A genética é o principal fator que domina no desenvolvimento do espectro autista na criança, transmitido de pai ou mãe para filho. Os pais que têm mais de um filho com autismo apresentam mais traços da FAA do que uma família que apenas tem um único filho com a síndrome. Diante disso, Rodrigues e Spencer (2010) ressaltam que:

As características observadas na síndrome do Autismo variam na forma de exteriorização dos desvios de relações interpessoais, linguagem, motricidade, percepção e patologias associadas ao distúrbio. A intensidade destes desvios, os estados mais determinantes, também é diversificada. As alterações do comportamento social são marcadas pela acentuada inaptidão de desenvolver relações com outras pessoas, pois os autistas preferem permanecer isolados do grupo social (RODRIGUES; SPENCER, 2010, p. 21).

Como dito anteriormente, as características das pessoas com espectro autista variam de indivíduo para indivíduo, tendo ações semelhantes e com intensidades diversificadas manifestando-se nas seguintes áreas: motricidade, linguagem e socialização. No entanto, algumas pessoas autistas têm um bom potencial cognitivo, isto geralmente ocorre quando o ambiente familiar que o autista convive diariamente atende as necessidades das limitações que estes apresentam.

Camargos Jr. (2013) apud Rodriguez e Spencer, destaca que:

Todos os afetados pelo Transtorno de Espectro Autista apresentam atrasos no desenvolvimento, mesmo os que possuem inteligência superior, como atrasos na interação, no brincar e nos interesses como, por exemplo, um afetado pela SA1 com 18 anos, que gosta de ver desenhos animados como o do 'Bob Esponja' que é, geralmente, foco de interesses de crianças de 9 anos. Então, todos precisam ter o desenvolvimento comparado com alguém da mesma idade, gênero, classe econômica e social (CAMARGOS JR., 2013, p. 16).

O autismo é considerado uma síndrome comportamental que exige um trabalho multidisciplinar de profissionais da área, medicinal e educacional com a finalidade de conhecê-lo melhor, avaliá-lo, já que Psicopedagogos, Psicólogos e Fonoaudiólogos precisam ter um trabalho coletivo para o tratamento da pessoa autista (IBRAIM, 2013). O autismo é um transtorno global que se desenvolve na infância, antes dos três anos de idade e que permanece por toda a vida. As principais características são dificuldades de socialização, comunicação e de comportamento.

O processo de interação social das crianças autistas é visto evidentemente como uma dificuldade para eles “[...] principalmente com pares desconhecidos, mas mesmo com colegas de escola” (CAMARGOS, 2013, p. 30). O melhor campo de ensinamento para desenvolver seus filhos autistas são os pais, tendo um pacto comunicativo na forma de estimular o ambiente em que a criança convive, pois isto influencia no processo de interação social a outros parentes da família e pares. As características principais da criança com TEA é a falta de interesse com o social e a dificuldade de interpretar sinais e símbolos, dificultando a sua comunicação verbal e não verbal, e conseqüentemente, gera a falta de interesse em determinados assuntos.

As crianças autistas têm padrões variados, alguns tem interesses próprios e características próprias, outros pulam, balançam o corpo para frente e para atrás, batem palmas, fazem caretas ou ficam incessantemente vislumbrada, observando apenas um único objeto, manifestando preferências exageradas, por aviões, dinossauros, carros e outros, e por não interagir com os demais, tem dificuldades em participar de grupos e fazer planejamento delongo prazo. Há também aqueles que são disruptivos, ou seja, seguem um padrão de vida rotineira e não gostam de quebrar suas rotinas, e quando isso acontece, o deixa desconcertado e irritado (SILVA *et al*, 2012, p.26).

O diagnóstico do autismo é realizado através de especialista, na qual é alicerçado em critérios comportamentais, ou seja, distúrbios na interação social, comunicação e padrões restritos de comportamento e interesse. Para que o diagnóstico seja completo é necessário que haja um desenvolvimento anormal nos três primeiros anos de vida, em pelo menos um dos seguintes aspectos: social, linguagem, comunicação ou brincadeiras simbólicas.

A partir do diagnóstico médico quanto a síndrome, para a maioria das famílias pode ser algo inesperado e, geralmente, os familiares entram em choque ao saber que a criança apresenta as características do espectro autista. E em meio a toda essa situação a família surge com muitas dúvidas sobre o que é autismo e como auxiliar o seu filho.

Faz-se necessário que os pais observem cada desenvolvimento da criança a partir do nascimento e os primeiros anos de vida, pois o médico precisa destes detalhes para o diagnóstico. Para a realização do diagnóstico do TEA é de suma importância que seja avaliado o caso por uma equipe multidisciplinar capacitada, pois se torna uma tarefa muito difícil a ser realizada pelo fato da não existência de um exame clínico, como o de sangue, que o identifique.

Petersen & Wainer (2011) abordam que para avaliar os critérios do diagnóstico do autismo, o profissional deve possuir experiência e especialização, pois os indivíduos portadores do transtorno apresentam muita especificidade e sensibilidade, ocorrendo em grupos de diversas faixas etárias e entre indivíduos com habilidades cognitivas e de linguagem variadas.

O diagnóstico é feito numa tríade autista, ou seja, contempla as áreas da interação social, comunicação e comportamentos restritos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta sessão discorre sobre os questionamentos e resultados encontrados a partir da aplicação da pesquisa em campo. É pertinente destacar que por uma questão de otimização as falas ressaltadas selecionadas evidenciam as posições de todos os sujeitos participantes e que as afirmações contemplam todos, a seleção das falas nos quadros e gráficos só evidencia a análise geral.

O primeiro questionamento aos sujeitos se referia a como ocorre a inclusão do aluno autista na escola. O Quadro 01 demonstra algumas das respostas apresentadas pelas professoras a tal problemática:

Quadro 01: Como ocorre a inclusão escolar do aluno autista nesta escola?

SUJEITO PARTICIPANTE	RESPOSTA
Professora 3	<i>Juntamente com os outros alunos, ele participa de todas as atividades e eventos.</i>
Professora 6	<i>A inclusão ocorre de forma que o aluno se envolve com outras crianças, mas ele acaba deixando de se relacionar, as vezes o espaço não é para ele, às vezes o pai, o professor e até as coleguinhas não entende o problema do outro</i>
Professora 8	<i>A educação é para todos e a escola deve assegurar um trabalho educativo, organizado e adaptado para atender as necessidades de cada aluno.</i>
Professora 10	<i>Nós docentes procuramos estratégias para incluir todas as crianças, através de jogos e brincadeiras que possibilitam a participação de todos discentes.</i>
Professora 12	<i>Atualmente temos uma equipe de profissionais capacitados para trabalhar com crianças com deficiência, essa equipe se encontra na Semed dá tudo apoio as escolas da rede municipal de Chapadinha.</i>
Professora 13	<i>Sabemos que a educação é responsável pela socialização, onde a inclusão acontece, através do processo educacional incluindo todos os alunos.</i>
Professora 16	<i>a escola deve oferecer um ambiente acolhedor no qual nesse aluno possa se inserir como os demais, a escola deve estar preparada mantendo um veículo com a família dessas crianças, para assim, traçar estratégias junto com o professor que acompanha para o desenvolvimento da criança.</i>
Professora 20	<i>Com muitos desafios, porque a escola regular não é adequada pois o autista, gosta de espaço e alguns de silencio, e as salas do município são superlotadas. Esse é um grande desafio pois eles não têm de auxiliar sendo que dentro dessa sala há diversas crianças com dificuldades ou distúrbios diferente, e o professor não tem preparo de início.</i>

Fonte: Organizado pela autora, 2021.

Nas respostas apresentadas pelas professoras é possível observar que a inclusão ocorre quando o aluno autista é tratado com igualdade, sem distinção e que haja parceria entre escola e família e que a mesma conheça o verdadeiro significado de inclusão. É fundamental trabalhar a interação, respeitando as especificidades dos alunos em especial os autistas, pois é evidente

que eles possuem dificuldades nas relações sociais. Contudo, o aluno autista incluso na escola de ensino regular deve estar envolvido com os colegas, participando de jogos e atividades lúdicas na qual favoreçam a aprendizagem e o pleno desenvolvimento cognitivo, social e cultural de si. De acordo com Gikovate (2009, p. 15), a inclusão escolar da criança autista é fundamental “levar em consideração qual a necessidade da mesma, a partir dessa percepção deve-se fazer as adaptações na sala de aula. Entretanto é imprescindível que o autista se sinta próximo ao docente”:

A interação entre o professor e seu aluno é fundamental. No caso de crianças com TEA nem sempre o professor vê atitudes que demonstram uma ação de reciprocidade vinda de seu aluno [...] após a identificação de tal interesse, o professor organiza em seu contexto o ambiente para a aprendizagem, as motivações precisam ser trabalhadas por meio de conteúdos e materiais diversos, valorizando toda ação realizada por seu aluno, por meio da sua mediação (ORRÚ, 2012, p.12).

A inclusão acontece a partir da relação com o próximo, na busca de construir um diálogo através da cultura, linguagem e mediação. Para um aluno autista o reconhecimento e a interação devem acontecer dentro de suas possibilidades. É necessário que a criança autista frequente o ambiente escolar e participe de todas as atividades desenvolvidas pela escola. Portanto, o currículo deve ser adaptado a fim de contribuir com a inclusão escolar.

Outra indagação realizada as professoras referem-se há como organizam suas aulas nas turmas com alunos autistas no tocante a elaboração de estratégias e dinâmicas diferenciadas. O Quadro 02 mostra demonstra algumas das respostas apresentadas pelos professores a tal problemática:

Quadro 02: Como você organiza suas aulas nas turmas com alunos autistas? Elabora estratégias? Há uma dinâmica diferenciada?

SUJEITO PARTICIPANTE	RESPOSTA
Professora 1	<i>Em primeiro lugar, sigo uma rotina diariamente, pois qualquer mudança afeta o aluno com autismo! Tento fazer ao máximo minhas aulas de forma lúdica pois o autista gosta do que é visual e concreto.</i>
Professora 3	<i>Por ser apenas 1 aluno autista na sala, isso me permite um poder de inclusão maior, pois apesar das tarefas em si serem diferentes, o contexto é sempre o mesmo para todos os alunos interagir cada um de sua forma.</i>
Professora 5	<i>Eu tive que procurar atividades coloridas, organizava as aulas com brincadeiras mais sobre um assunto como o alfabeto, números. As dinâmicas tinham que ser diferente para chamar atenção</i>
Professora 7	<i>Elaboro estratégias, faço atividades em grupos para com que haja tempo para ensinar o aluno autista.</i>
Professora 10	<i>Através da sequência didática. Com certeza criamos estratégias de ensino e usamos metodologias, a fim de oportunizar saberes para discentes autistas. Sim, para que o aluno autista se sinta acolhido.</i>

Professora 16	<i>Mantendo esse aluno sempre próximo a mim dando a ele mais acessibilidade para que possa desenvolver atividades em conjunto com os demais colegas, mais fazendo com que ele tenha autonomia própria. Elabora estratégias, procuro dinâmica que estimulem a sua atenção</i>
Professora 19	<i>De forma dinâmica, acolhedora, proponho pequenas tarefas, mesmo diversas, utilizar abordagem sensoriais e privilegiar suas habilidades. Elaboro diferentes estratégias, fazendo com que o aluno se sinta à vontade e faça no seu tempo. Sim, pois um aluno com autismo tem mais dificuldades que os demais.</i>
Professora 20	<i>O professor deve ter uma metodologia dinâmica com tarefas diversas e que mostre a ele que ele é capaz, que toda atividade dele merece elogios, mesmo que ele tenha feito do jeito dele, deve incentivar muito ele.</i>

Fonte: Organizado pela autora, 2021.

Constatou-se que nas respostas das professoras que organizam suas aulas de forma dinâmica, acolhedora, lúdica, com atividades coloridas e em grupos, brincadeiras, jogos, e afirmam ainda que elaboram estratégias em conjunto para que a criança autista venha a desenvolver a interação social com os demais alunos. Ressaltam ainda a utilização de elogios na realização e no desempenho de atividades uma vez que auxilia na construção de autoestima e autoconfiança incentivando a curiosidade.

Ao trabalhar com crianças autistas é necessário que o docente defina estratégias de comunicação. A adaptação da Língua Portuguesa é essencial para que as crianças aprendam os conteúdos curriculares. A interação por meio do brincar abre possibilidades para os processos de ensino e aprendizagem (CUNHA 2002, MACIEL; FILHO, 2009). Silva e Almeida (2012, p.72) destacam que:

No contexto escolar, as estratégias de comunicação encontram-se entrelaçadas com objetivos de proporcionar a antecipação da rotina escolar, a ampliação progressiva da flexibilidade da criança mediante as mudanças na rotina ou no ambiente, além, obviamente, de ampliar a possibilidade de acesso desse aluno à linguagem receptiva e expressiva. Assim, podemos presumir que essas estratégias deverão estar estruturadas em prol de situações reais a serem experimentadas pela criança, no cotidiano escolar, provocando o desenvolvimento cognitivo a partir da destinação de sentido real ao seu uso.

É indispensável que os docentes sempre estejam preparados quanto a utilização de metodologias em sala de aula que venham a desenvolver a atividade com os alunos, e sempre renová-las em busca de resultados positivos em sala de aula:

A inclusão escolar promove às crianças com TEA oportunidades de convivência com outras crianças da mesma idade, tornando-se um espaço de aprendizagem e desenvolvimento social. Possibilita-se o estímulo de suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Acredita-se que as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. A oportunidade de interação com pares é a base para o desenvolvimento de qualquer criança (SCHIMIDT, 2013, p.134).

Segundo o autor, o professor é importante no processo educacional de crianças que apresentam sintomas do autismo, sendo indispensável o conhecimento clínico, comportamental e interacional e de suas relações sociais, podendo perceber as singularidades comportamentais desses indivíduos. A escola tem o papel de promover a inclusão das pessoas com deficiência em seus espaços, pois ajuda a contribuir para a melhora do quadro clínico desses indivíduos.

Dando continuidade indagou-se quais as dificuldades que as professoras enfrentam na sala de aula com alunos autistas. Amostras de algumas respostas estão expressas no Quadro 03:

Quadro 03: Qual(is) dificuldade(s) enfrenta na sala de aula com alunos autistas?

SUJEITO PARTICIPANTE	RESPOSTA
Professora 1	<i>A falta de recursos nas escolas públicas.</i>
Professora 3	<i>Apenas em termo de acompanhamento auxiliar de turma especializado que todas as escolas devem ter no caso de crianças especiais e onde trabalhei não tinha.</i>
Professora 5	<i>a falta de um auxiliar em sala de aula, recursos didáticos</i>
Professora 6	<i>material didático, lotação de sala, apenas uma professora para a turma.</i>
Professora 9	<i>A dificuldade de interação social é uma das principais características de criança com TEA, e os aspectos de socialização torna-se um dos grandes desafios em aula.</i>
Professora 11	<i>Agressividade, falta de atenção, sensibilidade e suadas.</i>
Professora 14	<i>Na concentração dos conteúdos em estudo, na interação com os demais.</i>
Professora 15	<i>Mais uma vez eu falo sobre o nível em q a criança está, pois existem crianças com autismo leve ou nível 1, q não apresentam nenhuma dificuldade que venha atrapalhar o seu desempenho escolar e muitas delas ainda conseguem ter uma boa interação social.</i>

Fonte: Organizado pela autora, 2021.

As falas mostram o entendimento das professoras entrevistadas evidenciando que as dificuldades encontradas na sala de aula são a falta de recursos, a interação social, auxiliar especializado e principalmente a lotação quanto ao número de alunos nas salas de aula no ensino público. A fala da professora 15 ressaltou que as dificuldades dependem do nível do autismo que a criança apresenta:

É por isso que no processo de educação também cabe ao mestre um papel ativo: o de cortar, talhar e esculpir os elementos do meio, combiná-los pelos mais variados modos para que eles realizem a tarefa de que ele, o mestre, necessita. Deste modo, o processo educativo já se torna trilateral mente ativo: é ativo o mestre, é ativo o meio criado entre eles (VIGOTSKI, 2010, p.73).

Quando se trata de aluno com deficiência, existe uma necessidade de compreender as necessidades cognitivas e comportamentais deste, visando desenvolver a interação social e afetiva. É de suma importância que os educadores utilizem sempre metodologias em sala de



aula que venham a desenvolver seus trabalhos com os alunos, e sempre estarem inovando no seu trabalho em busca de um bom desenvolvimento do aluno em sala de aula.

De acordo com Lopez (2011, p. 16):

Professores, orientadores, supervisores, direção escolar, demais funcionários, famílias e alunos precisam estar conscientes dessa singularidade de todos os estudantes e suas demandas específicas. Está tomada de consciência pode tornar a escola um espaço onde os processos de ensino e aprendizagem estão disponíveis e ao alcance de todos e onde diferentes conhecimentos e culturas são mediados de formas diversas por todos os integrantes da comunidade escolar, tornando a escola um espaço compreensível e inclusivo.

A criança com autismo deve ser incluída em sala de aula de forma consciente. A escola deve dispor de um suporte pedagógico sólido para a inclusão do aluno no contexto educacional de forma que venha favorecer todos a assimilarem as metodologias que serão trabalhadas, objetivando à superação de limitações do aluno autista.

Kelman (2010) discute que a inclusão ocorre numa perspectiva dialógica onde se reflete situações que envolvem as dificuldades e suas soluções, contudo, para que o aluno tenha uma atenção necessária as escolas se adequam de fato como de direito são necessárias políticas educacionais que proporcionem formações adequadas aos professores.

Beyer (2006) expõe que os professores não estão preparados e falta compreensão acerca do tema e da proposta de inclusão escolar, ou seja, melhor formação conceitual e condições mais apropriadas de trabalho. Correia (2008) aponta que desafios encontrados para a implantação da educação inclusiva nas escolas destacando que a educação inclusiva vai além da acessibilidade, é preciso sensibilidade e mudança de concepção, adaptação curricular e formação adequada dos profissionais.

É imprescindível ressaltar que o professor identifique as dificuldades dos seus alunos, que conheça todas as especificidades e tenha um pleno conhecimento do que é o autismo visando melhorias nas práticas aplicadas que favoreçam na inclusão e no desenvolvimento dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a análise dos dados constatou-se que as professoras investigadas possuíam pouco conhecimento sobre o autismo, porém, afirmam buscarem informações para solucionar as especificidades destes alunos, realizando práticas pedagógicas de forma prazerosa e eficaz no processo de ensino-aprendizagem.



As professoras abordadas esclareceram que atuam há algum tempo na educação, porém há pouco tempo tem contato com a educação inclusiva destacando ainda a falta de recursos para trabalhar com esses alunos. A conscientização é indispensável para reduzir mitos e preconceitos em torno do diagnóstico e acompanhamento há professores e pais de crianças com TEA a conhecer melhor as características do transtorno e como lidar com ele.

Outro ponto é fundamental que haja uma formação continuada para professores que auxiliam alunos com TEA, pois é necessário entendimento, compreensão e reflexões das ações pedagógicas, ou seja, buscar entender a importância de ações que visam a melhoria da prática educativa.

Durante a análise tornou-se notório que a maioria das professoras participantes não possuem conhecimento sobre o TEA como também não possuem formação para atuar com crianças autistas. Desse modo, a pesquisa evidenciou que o TEA necessita ser mais entendido e problematizado por outros profissionais que agem no espaço educacional, para que juntos possam buscar uma nova concepção inclusiva que venha a possibilitar a esses alunos uma educação de qualidade.

A inclusão é resultado de um grande processo de adaptações fundamentais para buscar soluções apropriadas e viáveis aos que assim seja necessário. Quando se fala em inclusão se remete ao direito à cidadania de todos. Argumentar sobre inclusão de alunos com deficiência na educação infantil visa questões, como as diferentes noções de deficiência e problemas de limitações na estrutura da escola, organização e o amparo legal que se faz necessário para a inclusão.

REFERÊNCIAS

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola:** de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2006.

CORREIA, Miguel. **Autismo e atraso de desenvolvimento:** um estudo de caso. Lordelo: Fundação A Lord, 2008.

FONSECA, Vítor da. Tendências futuras na educação inclusiva. In: STOBÄUS, Claus D.; MOSQUERA, Juan J. M. (Orgs.). **Educação especial:** em direção à educação inclusiva. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 41-63.

GIKOVATE, Carla Gruber. **Autismo:** compreendendo para melhor incluir. Rio de Janeiro, 2009. 35 p. Disponível em: . Acesso em: 13 maio 2021.



IBRAIM, Licia Falci. Avaliação neuropsicológica para síndrome de asperger e transtorno do espectro autista de alto funcionamento. In: **Síndrome de Asperger e outros transtornos do espectro do autismo de alto funcionamento: da avaliação ao tratamento**. Walter Camargos Jr., (Org.) Belo Horizonte: Artesã Editora Ltda., 2013. p. 125-151.

KANNER, Leo. (1943). **Autistic Disturbances of Affective Contact**. *Nervous Child*, n. 2, p. 217-250.

KELMAN, C. A. et al. Formação de professores e organização do ensino nas Salas de Recursos Multifuncionais e classes comuns. In: **VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em educação especial, VIII Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Educação Especial**, Londrina. Anais. Paraná 2010.

LOPEZ, J. C. **A formação de professores para a inclusão escolar de estudantes autistas: contribuições psicopedagógicas**. 2011. Trabalho final do curso (Especialização em psicopedagogia clínica e institucional) - Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia – Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED, Brasília, 2011.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2011.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

PERTESEN, Cirse & WAINER, Ricardo. **Terapias Cognitivo-Comportamentais para Crianças e Adolescentes**. São Paulo. Ed. Artemed, 2010;2011.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SPENCER, Eric. **Criança autista: um estudo psicopedagógico**. Rio de Janeiro: WAK Editora. 2013. 132p.

SILVA, Sandra Francisca da; ALMEIDA, Amélia Leite de. **Atendimento Educacional Especializado para Aluno com Autismo: Desafios e possibilidades**. *INTL. J. of Knowl. Eng., Florianópolis*, v. 1, no 1, p. 62-88, 2012.

SILVA, E. L., MENEZES, E. M. (2000) **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000, 118p.

SCHMIDT, Carlo. Autismo, educação e transdisciplinaridade. In: SCHMIDT, C (org) **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **A questão do meio na pedologia** (M. P. Vinha, trad.). Psicologia USP, 2010.